

VOZES QUE SE CRUZAM: O INGLÊS COMO ELO SOCIOCULTURAL EM COMUNIDADES ACADÊMICAS (INTER)NACIONAL

Weriberlan Wanderley Monteiro ¹

Francisco Rian Pereira Sales ²

Kelly Kelttlyly Faustino Lucenca ³

RESUMO

O presente estudo investiga o papel do inglês enquanto catalizador para conexões interculturais, ressaltando sua posição como língua franca indispensável na promoção de trocas acadêmicas e culturais entre comunidades distintas. Para alcançar tal objetivo, analisaram-se os elementos que configuram o inglês como ferramenta de diálogo global, examinaram-se suas contribuições em projetos acadêmicos e sociais, e avaliaram-se os impactos dessas interações na construção de compreensão mútua e cooperação entre diferentes contextos socioculturais. Fundamentado em aportes teóricos de autores como Claire Kramsch (2011), David Crystal (2003) e Robert Phillipson (1992), este trabalho evidencia o potencial do inglês na superação de barreiras linguísticas, permitindo o compartilhamento de saberes e perspectivas singulares. No contexto do projeto de extensão “Direitos Humanos, Cultura e Impactos Sociais, Políticos, Econômicos do Processo Colonial e Neocolonial no Contexto Contemporâneo: Uma Troca de Experiências entre Brasil e Guiné-Bissau”, observa-se como o idioma viabiliza o intercâmbio acadêmico entre membros do Centro Universitário de Patos e da Universidade da Guiné-Bissau, possibilitando um diálogo enriquecedor e transformador. As interações promovidas não apenas ampliam o aprendizado mútuo, mas também favorecem a construção colaborativa de soluções inovadoras para desafios globais e locais. Com base em uma metodologia mista, que integra abordagens qualitativas e quantitativas, além de revisão bibliográfica criteriosa e abordagem exploratória, os possíveis resultados demonstram que o inglês ocupa um papel central na criação de canais acessíveis para o diálogo sociointercultural. Esses canais não apenas facilitam o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural, mas também consolidam redes internacionais de cooperação e aprendizado. Ademais, o inglês transcende sua função meramente instrumental, constituindo-se como um elemento estratégico para a promoção de aproximação entre comunidades distintas, estimulando o respeito à pluralidade, a empatia entre culturas e o desenvolvimento sustentável por meio da troca intercultural.

Palavras-chave: Inglês como catalizador, Interculturalidade, Comunidades, Conexões socioculturais, Cooperação internacional.

¹ Graduando do Curso de Letras Português e Inglês do Centro Universitário de Patos - PB, ir.weriberlanwanderley@gmail.com;

² Graduando do Curso de Letras – Português e Inglês do Centro Universitário de Patos - PB, rianpereira8462@gmail.com;

³ Professora do Curso de Letras – Português e Inglês do Centro Universitário de Patos - PB, kellykelttlyly@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A globalização intensifica as trocas informacionais, comerciais e acadêmicas entre nações. Neste cenário, o inglês emerge como instrumento estratégico de comunicação internacional, assumindo o papel de língua franca em diferentes esferas da atividade humana. Sua propagação, acelerada a partir dos anos 1950 pelo desenvolvimento tecnológico e novos mecanismos de comunicação, coloca-o em posição privilegiada para facilitar encontros interculturais, transcendendo barreiras linguísticas.

Porém, a realidade do inglês global não é linear. Embora funcione como ferramenta comunicativa, carrega marcas do imperialismo colonial e da hegemonia econômica das potências anglo-saxônicas. Esta crítica levanta uma questão fundamental: como compreender o inglês sem reproduzir sequências de poder que sustentaram sua propagação? Particularmente no contexto acadêmico, seu uso coloca-se como questão política e problemática, não meramente técnica.

A relevância desta investigação situa-se precisamente nesta lacuna crítica. Necessário é compreender a língua inglesa como sistema simbólico que possibilita relações de empatia e compreensão mútua entre culturas. Reconhecer essa dimensão sociointercultural permite investigar como o inglês pode se transformar em instrumento de emancipação intelectual e diálogo genuíno entre comunidades historicamente subalternizadas. Embora tenha sido disseminada através de estruturas desiguais, sua apropriação por falantes não-nativos permitiu transformações criativas e empoderadoras.

Diante deste cenário, o presente trabalho objetivo analisar o papel do inglês como descobertas de conexões interculturais em comunidades acadêmicas internacionais, particularmente no projeto de extensão Direitos Humanos, Cultura e Impactos Sociais, Políticos, Econômicos do Processo Colonial e Neocolonial no Contexto Contemporâneo: Uma Troca de Experiências entre Brasil e Guiné-Bissau, desenvolvido pelo Centro Universitário de Patos em parceria com a Universidade da Guiné-Bissau. Busca-se compreender como a competência comunicativa em inglês facilita a construção colaborativa de conhecimento, o desenvolvimento de competência intercultural e a promoção de equidade epistêmica.



METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, este estudo emprega uma abordagem metodológica mista, que integra perspectivas qualitativas e quantitativas. Quanto à abordagem qualitativa, realizou-se uma revisão bibliográfica criteriosa de obras fundamentais nas áreas de linguística aplicada, educação intercultural e comunicação global. Foram analisadas as contribuições teóricas de renomados pesquisadores, como Claire Kramsch (1993, 2009, 2011), que pesquisam as dimensões simbólicas da competência intercultural; David Crystal (2003), que traz perspectivas abrangentes sobre o inglês como língua global; e Robert Phillipson (1992, 2010), que examina criticamente os aspectos políticos e econômicos relacionados à disseminação do idioma.

Além disso, adotou-se uma abordagem exploratória focada no projeto de extensão “Direitos Humanos, Cultura e Impactos Sociais, Políticos, Econômicos do Processo Colonial e Neocolonial no Contexto Contemporâneo: Uma Troca de Experiências entre Brasil e Guiné-Bissau”. Este projeto, desenvolvido pelo Centro Universitário de Patos em parceria com a Universidade da Guiné-Bissau, configura um caso paradigmático de intercâmbio acadêmico mediado pela língua inglesa. A análise qualitativa incluiu a observação das interações comunicativas, a caracterização dos diálogos estabelecidos e a identificação das transformações no pensamento dos participantes decorrentes do contato com diferentes perspectivas culturais.

Outrossim, a perspectiva quantitativa compreendeu a coleta e análise de dados relacionados à participação estudantil, frequência das interações e possíveis indicadores de desenvolvimento da competência intercultural. Ressalta-se que, embora este estudo não realize uma coleta estatística rigorosamente quantitativa, reconhece a importância dos elementos numéricos para a compreensão das dinâmicas da cooperação internacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Inglês como Língua Franca Global

Primeiramente, destaca-se a importância de uma definição clara sobre o inglês como língua franca. Godwin-Jones (2013) explica que o termo refere-se ao uso de um idioma para comunicação entre falantes cujas línguas maternas divergem, funcionando como uma ferramenta neutra de inteligibilidade mútua. Esse fenômeno tem uma



dimensão histórica singular, visto que aproximadamente 1,5 bilhão de pessoas falam inglês mundialmente, a maioria delas como segunda língua. Além disso, Crystal (2003, p. 24) relata que “a ascensão do inglês como língua global não decorre de uma superioridade intrínseca do idioma, mas de fatores históricos, tecnológicos e econômicos”. Exemplifica-se a emergência da Grã-Bretanha como potência econômica na Revolução Industrial, seguida pela hegemonia dos Estados Unidos no século XX, e a centralidade da tecnologia anglo-saxônica de comunicação, que consolidaram o inglês como idioma internacional. É importante mencionar que a adoção do idioma em tecnologias de comunicação, desde os primeiros sistemas de radiotelecomunicação até a internet, reforçou vigorosamente sua posição como língua global. No âmbito acadêmico, observa-se que o inglês se destaca como meio de instrução em programas internacionais de instituições de ensino superior. Essa prática institucionaliza sua função como ferramenta central na formação de redes acadêmicas transnacionais, promovendo a troca de pesquisas, metodologias e saberes em comunidades científicas dispersas geograficamente.

A Dimensão Intelectual da Competência Linguística

Cabe destacar que a competência linguística restrita à gramática e estrutura formal é insuficiente para a comunicação em contextos culturalmente diversos. Kramsch (2011, p. 358) propõe um ensino reconceitualizado, no qual aprender uma língua é o engajamento em um processo de construção de significados, envolvido pela negociação entre a identidade do aprendiz e a cultura da língua-alvo.

Além disso, a autora introduz o conceito de “competência simbólica”, destacando a habilidade do indivíduo de compreender e manipular não apenas aspectos linguísticos, mas também significados culturais e identitários. Para explicar, Kramsch (2011, p. 360) usa a ideia bakhtiniana de “transgressão”, na qual o aprendiz ocupa um “terceiro lugar”, possibilitando ver-se a si mesmo e à cultura-alvo de uma perspectiva crítica.

Ademais, a competência intercultural é compreendida como um processo dinâmico e contínuo. Seidlhofer (2011) ressalta que, em contextos de inglês como língua franca, as interações envolvem negociação ativa de sentidos, acomodação linguística e cooperação para garantir a compreensão, características que enriquecem a comunicação intercultural.



Inglês, Imperialismo Linguístico e Equidade Global

Importa também uma análise crítica das questões de poder e desigualdade linguística. Phillipson (1992, p. 47) argumenta que a disseminação do inglês ocorreu em contexto de imperialismo colonial, impondo modelos educacionais que marginalizaram línguas e culturas locais por meio do que chama de "falácias dominantes" no ensino da língua inglesa.

Não obstante, Phillipson (2010) reconhece que, com a apropriação do inglês por falantes de diversas culturas, surgiram possibilidades criativas e empoderadoras. Assim, o inglês atua como uma "propriedade compartilhada", na qual falantes não-nativos negociam sentidos de acordo com suas necessidades, transformando a língua num instrumento de diálogo e visibilidade internacional.

Competência Intercultural e Cooperação Acadêmica

Por fim, estudos recentes indicam que a eficácia das parcerias internacionais depende do desenvolvimento da competência intercultural entre seus participantes (Vaishnav, 2024). Tal competência integra conhecimento das culturas, consciência crítica, empatia e habilidades comunicativas adaptativas para negociar sentidos em contextos pluriculturais.

Ademais, a cooperação acadêmica entre Brasil e Guiné-Bissau é ambientada em experiências históricas e desafios sociais comuns, fortalecendo a importância do português e do inglês como veículos para narrativas contra-hegemônicas e diálogos diretos entre as comunidades participantes.

Conforme Varo Varo (2021), a telecolaboração mediada por tecnologia e conduzida em língua franca apresenta alto potencial para o desenvolvimento da competência intercultural, desde que haja estrutura pedagógica clara e mediação especializada.

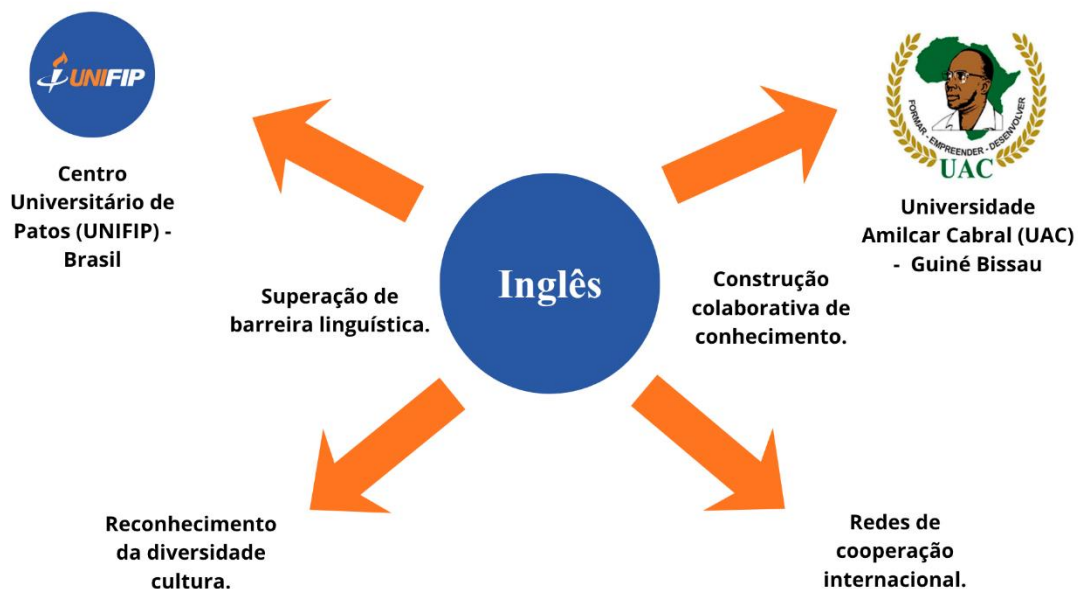


RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Inglês como Ferramenta de Diálogo

Antes de tudo, o projeto objeto deste estudo demonstra que o inglês, muito além de uma mera ferramenta técnica, funciona como um acontecimento para transformações intelectuais e o estabelecimento de vínculos relacionais entre participantes culturalmente diversos. Os resultados evidenciam que esse processo ocorre simultaneamente em quatro dimensões complementares, conforme apresentado a seguir.

Figura 1 - O inglês como descobertas de conexões interculturais entre Centro Universitário de Patos (UNIFIP) e Universidade Amílcar Cabral (UAC).



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Observe-se, portanto, que o domínio do idioma variava consideravelmente entre os participantes, sem correspondência com padrões de certificações. Essa "imperfeição comunicativa" funcionou como fator facilitador para engajamento genuíno, na medida em que estratégias de negociação de sentido foram impostas, consolidando os quatro pilares ilustrados na figura: superação de barreiras linguísticas, construção colaborativa de conhecimento, reconhecimento da diversidade cultural e contribuições de redes internacionais (Oliveira, 2024).

Superação de Barreiras Linguísticas e Construção de Compreensão Mútua

No que tange à superação das barreiras linguísticas, a literatura aponta que em contextos de inglês como língua franca a ênfase recai sobre a inteligibilidade, e não sobre a conformidade a padrões nativos de pronúncia, gramática ou vocabulário. Consequentemente, no projeto analisado, os falantes brasileiros e guineenses desenvolveram estratégias de acomodação linguística, tais como ajuste da velocidade de fala, seleção vocabular e estruturas sintáticas, que favoreceram a compreensão recíproca sem supressão completa de suas particularidades linguísticas.

Especificamente, os brasileiros apresentavam familiaridade maior com o inglês norte-americano pela exposição midiática e educacional, enquanto os guineenses reuniam experiência acadêmica e social do uso do inglês em contextos pós-coloniais africanos, convivendo com outras línguas oficiais e indígenas. Essa heterogeneidade linguística, potencialmente problemática em situações que exigem uniformidade, converte-se em fator positivo na comunicação em língua franca, visto que a negociação de variações se torna habilidade essencial (Zhang, 2023).

O intercâmbio possibilitou, portanto, que perspectivas sobre temas importantes fossem compartilhadas e confrontadas, incluindo análises brasileiras e guineenses sobre imperialismo, desenvolvimento e resistência, o que enriqueceu o entendimento dos fenômenos globais sob múltiplos pontos de vista.

Construção Colaborativa de Conhecimento e Inovação

Além da simples troca de informações, o projeto fomentou a construção colaborativa de conhecimento, por meio da interação entre participantes dos dois países. Essa prática é crucial em contextos de extensão universitária, nos quais o processo educacional é concebido como participativo, envolvendo tanto saberes acadêmicos quanto experiências vividas das comunidades (Lebau; Zhang, 2022).

O compartilhamento narrativo sobre manifestações contemporâneas de neocolonialismo em diferentes contextos locais criou base empírica para formulação teórica aprimorada. A diversidade de experiências permitiu validar e reconfigurar hipóteses, enquanto a interlocução com teorias acadêmicas proporcionou elementos para generalização dos resultados.



Desse modo, observa-se que a comunicação mediada pelo inglês favorece a inovação, ao criar condições para o encontro produtivo entre diferentes tradições intelectuais e perspectivas culturais.

Reconhecimento e Valorização da Diversidade Cultural

Um dos principais resultados destaca-se no reconhecimento e valorização da diversidade cultural. Frequentemente, o ambiente acadêmico internacional reproduz hierarquias que privilegiam o conhecimento produzido em instituições anglo-americanas de prestígio, subordinando contribuições periféricas. No entanto, o uso do inglês como língua franca pode contrariar essa tendência, criando um ambiente em que todos os participantes, mesmo não nativos, interagem em condição de igualdade.

Neste sentido, o projeto possibilitou que os guineenses apresentassem suas visões sobre história, política e cultura diretamente aos brasileiros, e vice-versa, fomentando o diálogo horizontal e a democracia epistêmica.

Importa destacar que esse reconhecimento não implica romantizar ou essencializar as diferenças culturais; pelo contrário, reconhece os contextos históricos, econômicos e sociais específicos que moldam as perspectivas particulares sem reduzir indivíduos a estereótipos (Baker, 2017).

Consolidação de Redes Internacionais de Cooperação

Por fim, o projeto contribuiu para a consolidação de redes institucionais e interpessoais que ultrapassam o evento específico. As ligações entre pesquisadores, estudantes e universidades foram fortalecidas, criando bases para colaborações futuras em pesquisa, mobilidade acadêmica e publicações conjuntas.

Demonstrou-se que instituições com menor reconhecimento acadêmico, situadas em regiões periféricas, podem estabelecer parcerias que não replicam hierarquias, favorecendo o fortalecimento das capacidades locais.

Portanto, essas redes estruturam-se como instrumentos para a promoção do desenvolvimento sustentável, combatendo o isolamento acadêmico e potencializando a inovação local e o conhecimento relevante aos contextos regionais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia que o inglês assume um papel estratégico e emancipatório na facilitação de diálogos interculturais em contextos acadêmicos internacionais. O idioma se apresenta não apenas como código técnico para comunicação, mas sim como espaço simbólico para o encontro genuíno, a co-construção de conhecimento e a valorização da diversidade cultural.

Ao analisar o projeto de extensão entre Centro Universitário de Patos e Universidade da Guiné-Bissau, identifica-se que o inglês contribui para: (1) superação de barreiras linguísticas, mediante estratégias articuladas de negociação de sentidos; (2) construção de conhecimento colaborativo, enriquecendo teorias acadêmicas com experiências concretas; (3) reconhecimento de diversidade cultural, consolidando uma democracia epistêmica; e (4) fortalecimento de redes que ampliam as capacidades institucionais e futuras parcerias.

De modo complementar, o estudo oferece contribuições teóricas ao propôr o inglês para além das categorias simplistas de imperialismo linguístico versus língua neutra. O idioma apresenta uma ambivalência que permite a expressão e o empoderamento de comunidades tradicionalmente marginalizadas no diálogo acadêmico global.

Portanto, destaca-se a importância de políticas acadêmicas que favoreçam parcerias internacionais entre instituições em locais periféricos, evidenciando o valor das colaborações Sul-Sul para inovação, contextualização do conhecimento e aprendizado intercultural.

Ademais, recomenda-se o aprofundamento da pesquisa para avaliar outras experiências internacionais, desenvolver instrumentos de avaliação da competência intercultural, explorar o papel das novas tecnologias no diálogo intercultural e analisar o empoderamento dos falantes de inglês como segunda língua, sobretudo em contextos pós-coloniais.



In Memoriam

"A teacher affects eternity; he can never tell where his influence stops."

— Henry Adams



REFERÊNCIAS

Baker, W. Inglês como língua franca e comunicação intercultural: explorando a relação. Em: MCKINLEY, J.; SHAW, D. (Ed.). **O Manual do Inglês como Língua Franca**. Nova Iorque: Routledge, 2015. p. 475-492.

Baker, W. Competência intercultural e inglês como língua franca: investigando o papel da alternância linguística. **Language and Intercultural Communication**, v. 17, n. 4, p. 1-17, 2017.

Bennett, MD; Bennett, MJ; Allen, W. Desenvolvendo competência intercultural na sala de aula de línguas. In: **The Intercultural Development Research Institute**, p. 1-28, 2003.

Crystal, D. **Inglês como língua global**. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Godwin-Jones, R. Rumo à transculturalidade: o inglês como língua franca na comunicação intercultural e na aprendizagem de línguas online. **Linguist List**, v. 24, n. 3, p. 1-18, 2013.

Kramsch, C. Contexto e cultura no ensino de línguas. Oxford: Oxford University Press, 1993.

Kramsch, C. Cultura no ensino de línguas estrangeiras. **Revista Iraniana de Pesquisa em Ensino de Línguas**, v. 1, n. 1, p. 57-78, 2013.

Kramsch, C. **O sujeito multilíngue**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Kramsch, C. As dimensões simbólicas do intercultural. **Ensino de Línguas**, v. 44, n. 3, p. 354-367, 2011.

Lebeau, LG; Zhang, F. Parceria internacional transformadora em meio a desafios globais: um estudo de caso de uma universidade pública de pesquisa na China durante a pandemia. **Journal of Comparative & International Higher Education**, v. 14, n. 3, p. 130-142, 2022.

Mendes de Oliveira, M. Inglês como língua franca e interculturalidade. **Revista de Desenvolvimento Multilíngue e Multicultural**, v. 1, pág. 1-14, 2024.

Phillipson, R. **Imperialismo linguístico**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

Phillipson, R. **O imperialismo linguístico continuou**. Nova York: Routledge, 2010.

Seidlhofer, B. **Inglês como língua franca**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

Vaishnav, P. O papel da competência intercultural na colaboração transfronteiriça eficaz entre instituições de ensino superior. **Revista Eletrônica SSRN**, p. 1-24, 2024.

Varo Varo, A. Promovendo a competência intercultural por meio de videoconferências: usando um provedor externo para conectar alunos com falantes nativos treinados e administrar videochamadas. **Journal of Virtual Exchange**, v. 4, p. 1-18, 2021.



Zhang, X. Cultura local e seus efeitos no inglês como língua franca em contextos acadêmicos interculturais. **Frontiers in Psychology**, v. 14, p. 1-15, 2023.

